

# Na era da imagem, a imagem perde seu poder: Fred Ritchin<sup>1</sup> e os potenciais inexplorados da Fotografia

In the image age, image loses its  
power: Fred Ritchin and the untapped  
potentials of Photography

**Cláudio de São Plácido Brandão<sup>2</sup>**  
**Monique Vandresen<sup>3</sup>**

---

<sup>2</sup> Cláudio de São Plácido Brandão é professor Adjunto do Departamento de Design e do Programa de Pós Graduação em Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0038246950643543>

E-mail: bradaofotografias@gmail.com

<sup>3</sup> Monique Vandresen é professora Titular do Departamento de moda e do Programa de Pós Graduação em Teatro da Universidade do Estado de Santa Catarina.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2381501692765223>

E-mail: monique.vandresen@udesc.br

## Resumo

Este artigo nasceu de uma visita ao International Center of Photography (ICP) em Nova Iorque, onde os autores tiveram a oportunidade de conversar com Fred Ritchin, pró-reitor emérito do ICP, e discutir o texto seminal que completa três décadas em 2020 e os potenciais inexplorados da Fotografia. O fato de que hoje sejamos inundados diariamente com imagens e que, ao mesmo tempo, nossa capacidade de processar ou entender qualquer sentido seja reduzida e não aprimorada por essa abundância é um paradoxo. Há trinta anos, era lançado "In Our Own Image", de Ritchin. O livro descreveu de forma impressionante muitas das maneiras pelas quais a era digital transformaria a sociedade. Quando a segunda edição do livro foi publicada, em 1999, muitas das previsões de Ritchin, como o embelezamento de imagens pelo computador e o enfraquecimento do papel da fotografia como testemunha confiável, já eram uma realidade.

## Palavras-chave

Imagem; Fotografia; Fred Ritchin

## Abstract

This article was born from a visit to the International Center of Photography (ICP) in New York, where the authors had the opportunity to talk with Fred Ritchin, ICP's emeritus rector, and discuss the complete seminal text three decades in 2020 and the unexplored of Photography . Today, the fact that today we flood daily with images and that, at the same time, our ability to process or understand any meaning must be changed and not improved by that amount is a paradox. Thirty years ago, "In Our Own Image" by Ritchin was released. The book impressively described many of the ways in which an era of society's digital transformation. When a second edition of the book was published in 1999, many of Ritchin's changes, such as the embellishment of images by the computer and the weakening of the role of photography as a reliable witness, were already a reality.

## Keywords

Image; Photography; Fred Ritchin

1 Fred Ritchin é professor e presidente associado do Departamento de Fotografia e Imagem da Escola de Artes Tisch da Universidade de Nova York e codiretor o Programa de Fotografia e Direitos Humanos da NYU com a Fundação Magnum. Ele também é diretor e co-fundador do PixelPress, que trabalha com grupos humanitários para desenvolver projetos visuais que lidam com questões de justiça social. Ritchin escreveu para Aperture, Le Monde, New York Times e Village Voice, e escreveu vários livros, incluindo In Our Own Image: The Coming Revolution in Photography (Aperture, 1990).

**ISSN: 2447-1267**



**Fig. 1.** O professor Fred Ritchin em seu gabinete no ICP.



**Fig. 2.** Unidade do ICP em Manhatan NY.

O *International Center of Photography* (ICP) foi fundado por Cornell Capa em 1974. Irmão do fotógrafo Robert Capa, Cornell quis manter vivo o legado de uma fotografia política que nasceu na década de 30 do século XX e que tem como expoentes o próprio Capa, David “Chim” Seymour, Henri Cartier-Bresson, George Rodger, William Vandivert, Rita Vandivert e Maria Eisner, estes fundadores da lendária Magnum, além de Werner Bischof, Gerda Taro e Dan Weiner, entre outros tantos. A ideia inicial da instituição era manter o trabalho de documentário humanitário de Capa e companheiros disponível ao público. Hoje o ICP coordena um museu de fotografia e cultura visual, uma escola e um espaço de arquivo e leitura distribuídos por três endereços em Nova Iorque e Nova Jersey.

Ao contrário de muitos de seus contemporâneos, Ritchin vê o cenário atual como uma oportunidade para os fotógrafos expandirem sua linguagem visual e para que a mídia tradicional revise a maneira como interage com seu público: “é o momento mais interessante na história para se ser um fotógrafo, porque há tantas possibilidades”.

Infelizmente, a revolução ainda está por vir: livre das limitações inerentes às publicações impressas, a comunidade fotográfica pode se dedicar à invenção de um novo ensaio fotográfico de formato longo. No entanto, lamenta Ritchin, em vez de experimentar as características únicas da internet - não linearidade, engajamento do público, mapeamento de imagens (onde diferentes partes das fotografias levam a informações diferentes) - a maioria das páginas da web imita mídia impressa ou vídeo.

Fred Ritchin publicou três livros sobre o futuro da imagem: *In Our Own Image: The Coming Revolution in Photography* (Aperture, 1990); *After Photography* (W. W. Norton, 2008); e *Bending the Frame* (Aperture, 2013). Identificando e discutindo o potencial e as implicações dessas novas tecnologias, bem como as primeiras liberdades éticas tomadas em relação à manipulação de fotos, tem um olhar bem particular para o Fotojornalismo: “O Jornalismo supostamente fala na terceira-pessoa, e a Arte, supostamente na primeira-pessoa. Mas há muito jornalismo bom em primeira pessoa também. Cartier-Bresson uma vez disse que o fotojornalismo nada mais é que manter um diário com uma câmera. Isso é primeira-pessoa”.

Em suas aulas, Ritchin encoraja os alunos não só a fotografar em primeira pessoa, mas também em terceira pessoa. A inspiração vem do Novo Jornalismo, movimento literário que começa na década de 1960 com Tom Wolfe, Gay Talese e Norman Mailer. “Esta é uma técnica artística, em certa extensão, mas não estou muito preocupado com a diferença. Fico feliz vendo as duas se sobrepondo. Jornalismo sem forma não funciona, só conteúdo não basta, é muito sobre a forma também”.

Na fronteira entre a fotografia usada pelas Artes Visuais e o Fotojornalismo ou a foto documental, o debate também é rico. Para discutir as duas áreas, Ritchin utiliza como exemplo a exposição *Mirrors and Windows*, curada por John Szarkowski em 1978. A exposição aconteceu no Museu de Arte Moderna de Nova Iorque e, no mesmo ano, o catálogo foi publicado como um livro de mesmo nome. A exposição explorou a teoria de Szarkowski de que, no final dos anos setenta, a fotografia nos Estados Unidos deixou de se preocupar com questões públicas e privadas. Ele acreditava que

as fotografias dos vinte anos anteriores podiam ser vistas como espelhos (que ele descreveu como uma expressão romântica das sensibilidades do fotógrafo) ou como janelas (através das quais o mundo exterior é explorado em toda a sua presença e realidade).

The Americans, de Robert Frank, é uma das coleções que representava a janela. “É útil retornar aos pontos de referência de Szarkowski”, diz Ritchin: “a fotografia documental é mais como uma janela, e fotografia, na arte, mais como um espelho, é mais sobre si mesmo”. Mas um detalhe, na exposição, era bem interessante: uma das categorias tinha uma parede preta e outro uma parede branca. Mas havia uma sala com uma parede cinza, onde era muito difícil diferenciar janelas de espelhos. E para mim isto é o mais interessante. Nas minhas aulas muitas vezes estão juntos alunos do Jornalismo e das Artes. Acho que as duas áreas estão muito próximas, usam estratégias similares”.

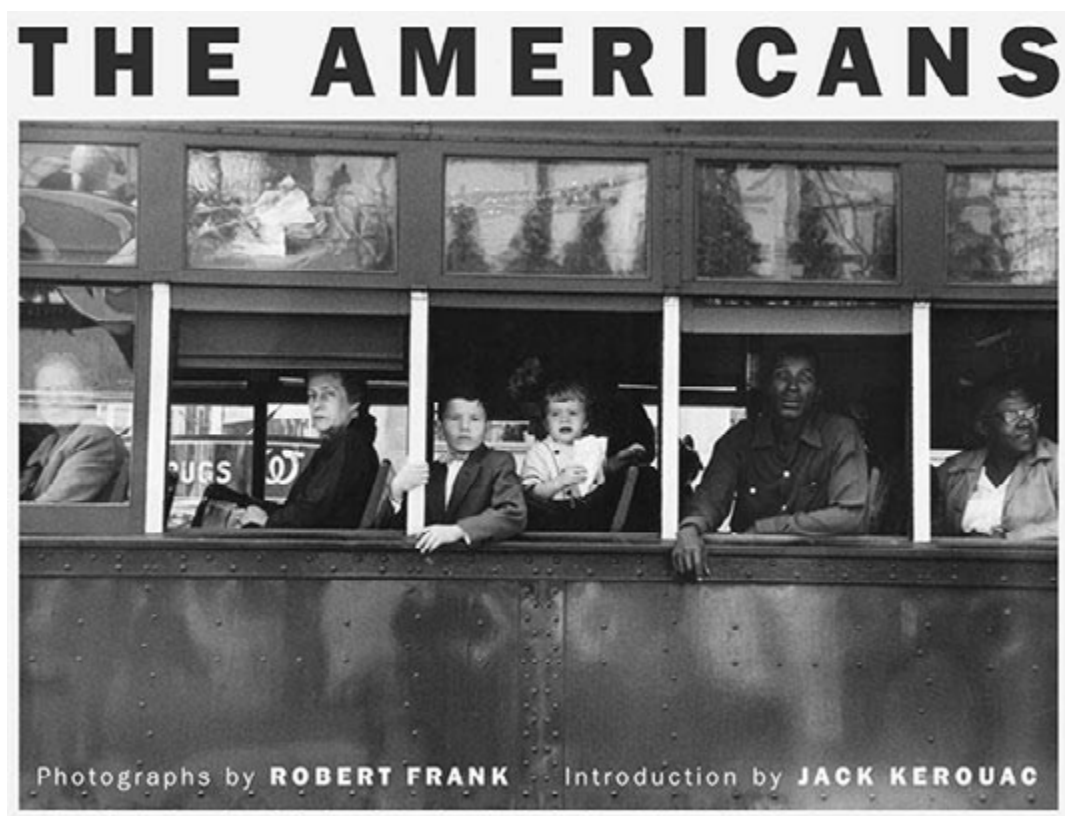


Fig. 3. Capa do livro The Americans.

“Na era da imagem, a imagem perde seu poder”, acredita o professor. Um dos argumentos usados para defender esta ideia é o fato de que as imagens mais icônicas da última década foram feitas por amadores, como a dos prisioneiros sendo torturados na prisão de Abu Ghraib (2004).



**Fig. 4.** Tortura de prisioneiros iraquianos por soldados estadunidenses em Abu Ghraib.

“Se você tiver que nomear uma imagem icônica da crise econômica americana na década de 1930, não terá problemas: há, por exemplo, “Migrant Mother” (de Dorothea Lange). Hoje, porém, não temos imagens icônicas do desequilíbrio econômico. A Guerra do Vietnã tinha seus pontos de referência - a fotografia de Eddie Adams do homem sendo executado na rua com um tiro na cabeça, a garota queimando de napalm, o monge budista auto-imolado. Mas da guerra mais longa da história americana, a do Afeganistão, quais são as imagens que servem para mostrar o que acontece?” (Ritchin, 2015).

Ritchin aponta para um hiato entre a foto de Abu Ghraib e a imagem do menino Alan Kurd, sírio, afogado em Bodrum, na Turquia, da fotógrafa Nilüfer Demir. Uma das grandes questões apresentadas a Ritchin é a razão da importância desta foto. “Eu venho fazendo às pessoas a mesma pergunta que você me fez. Eu perguntei a meus alunos, eu perguntei a diferentes pessoas e uma das respostas que eles deram é a de que esta foto não é tão espetacular. Ela não é violenta, não é óbvia, nós dizemos em inglês que não é “confrontiva”. Na foto da garota em Napalm, você vê todo seu corpo. A foto do Napalm é muito violenta, mas esta não é, é muito calma, é muito quieta. E a outra coisa que as pessoas dizem é que os lembra de vestirem seus próprios filhos, porque a criança está bem vestida então, obviamente, é amada pelos pais”.



**Fig. 5.** Imagem da Fotógrafa Nilufer Demir.

Os últimos trabalhos de Ritchin tratam desta ausência de fotografias icônicas hoje. “Em Novembro/Dezembro, Paris discutia as mudanças climáticas. Existem grandes conferências mundiais, incrivelmente importantes, e não há imagens icônicas sobre a mudança climática. Zero. Em 1968, o astronauta Frank Borman fotografou a Terra do espaço. Esta foto virou um ícone, e a partir daí começamos o Dia da Terra, e selos postais com a fotografia da Terra nele... Agora nós não temos nada, e ninguém está se preocupando com isso na comunidade fotográfica. Quer dizer, eu me preocupo muito com isso, por que não temos fotografias que fazem as pessoas levarem as mudanças climáticas a sério. Salgado mostrou seu projeto “Genesis” aqui, há alguns esforços, mas não suficientes... Se você perguntar à alguém que imagens fazem você pensar sobre a mudança climática, frequentemente não se tem resposta”.

Outro desafio apontado pelo pesquisador é achar formas de contextualizar as fotografias neste universo online: as fotos são copiadas ad infinitum, a legenda é retirada, o nome do fotógrafo é retirado. Em uma época em que mais de 1,5 trilhões de fotografias são tiradas a cada ano - com mais de 50 mil fotos baixadas só no Instagram a cada minuto, adaptar-se à revolução da imagem de hoje é uma questão essencial para sua sobrevivência da figura do fotógrafo. É por isto que, na área de inovação, o ICP trabalha com empresas como Clarify, que usa inteligência artificial para identificar imagens e a Name, que procura por assinaturas digitais em fotografias. Na área de Jornalismo, um dos parceiros é a “Metrography” uma agência de fotos no Iraque para fotógrafos iraquianos.

Ritchin é um dos diretores do ICP desde 2014. O International Center of Photography tem três programas em tempo integral: “Novas Narrativas Midiáticas”, “A Prática Documental e Jornalismo Visual” e “Práticas Criativas”. Os três têm duração de quatro bimestres. Além de cursos mais curtos e oficinas, abriga um programa de mestrado. São cerca de quatro mil alunos nos diversos programas, e mais 600 adolescentes atendendo aulas em diversos bairros, como o Bronx. Nas noites de quarta-feira, há programas públicos como “Tecnologias Disruptivas”.

Dentre os cursos que o professor leciona estão “Imagens e Ideias e “Estratégias em Documentário para os Direitos Humanos”. “É uma escola de fotografia, mas muito do trabalho que realizamos, na área de documentário especialmente, está no mundo, então nós precisamos discutir o mundo”, explica.

Entre as discussões que perpassam as aulas estão desde novas tecnologias como a *Lytro Camera*<sup>1</sup>, que tem uma infinita profundidade de campo, às câmeras de vigilância e a resistência a ela em movimentos como o *Sousveillance*. “Para mim, a maior questão é como fazer imagens que sejam úteis nesse mundo. Já que existem bilhões de imagens sendo postadas todos os dias, como você define as imagens importantes? É algo que eu chamo *metaphotography* em um dos livros que escrevi”.

Ritchin também acredita em uma **volta aos equipamentos de médio e grande formato, e também das grandes impressões: “elas são bem didáticas, e quando você começa uma revolução, você sempre volta ao passado** (grifo nosso). “Penso que muito do século XIX e do século XX será revisto. A visão silenciosa de uma fotografia estática é uma oportunidade de se destacar nesta barragem implacável. Assim a foto pode ser vista e pensada de forma independente, ao invés de fazer parte de uma narrativa ou fluxo de mídia sendo transmitido agressivamente para uma audiência. Eu encorajaria qualquer um a passear pelo mundo tridimensional desconectado e sem as distrações do telefone celular, i-players e câmeras digitais”.

Trabalhando no campo da fotografia desde a década de 70, quando foi editor de imagem do *The New York Times Magazine*, o professor acha que este é um dos melhores momentos para quem ensina: “é um momento muito emocionante para mim como professor. Os alunos têm conhecimento e se sentem confiantes, e estão fazendo um trabalho incrível. Quando eles me perguntam qual é o futuro, eu respondo: o futuro são vocês. Vocês precisam inventar o futuro. Eles precisam criar novos modelos para o fazer fotográfico, e acredito que estão neste caminho.”

## Referências

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

LUBBEN, Kristen. **Magnum: contatos**. Editado por Kristen Lubben. Tradução de Jorio Dauster.

---

<sup>1</sup> Basicamente um sistema que permite mudar o ponto de foco após a foto gravada. A questão do foco era a última fronteira a ser vencida no aparelho fotográfico.



São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2012.

RITCHIN, Fred. **Bending the frame: Photojournalism, Documentary, and the Citizen**. New York: Aperture, 2013.

RITCHIN, Fred. **In our own image, the coming revolution in photography**. Editora Aperture. Nova Iorque, 1990.

RITCHIN, Fred. **After Photography**. New York: W. W. Norton, 2008.

SZARKOWSKI, John. **Mirrors and Windows: American Photography Since 1960**. New York: Little Brown & Co, 1978.

WOLFE, Tom. **Radical Chique e o Novo Jornalismo**. São Paulo: Cia. Das letras, 2005.

### **Sites consultados**

<https://www.icp.org>

<https://www.magnumphotos.com/about-magnum/history/>

<https://www.annenberghphotospace.org/person/nilufer-demir/>

[https://en.wikipedia.org/wiki/Abu\\_Ghraib\\_torture\\_and\\_prisoner\\_abuse#/media/File:Abu-ghraib-leash.jpg](https://en.wikipedia.org/wiki/Abu_Ghraib_torture_and_prisoner_abuse#/media/File:Abu-ghraib-leash.jpg)

Submissão: **16/04/20**

Aceitação: **22/04/20**